

Fernanda Ramos Lacerda<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender como as hortas comunitárias contribuem para a segurança alimentar e nutricional das famílias que cultivam e consomem os alimentos. Para tanto foi realizado levantamento bibliográfico e pesquisas *in locus*, numa abordagem qualitativa com observação participada numa horta comunitária urbana em Vitória da Conquista na Bahia. As discussões fundamentam-se na categoria território, e os debates estão vinculados à territorialidade, agricultura urbana e gênero. As hortas comunitárias constituem parte do que caracteriza a agricultura urbana, e embora sejam fundamentais para o cultivo de alimentos, é importante reconhecer que questões de gênero podem influenciar tanto do processo de cultivo quanto na comercialização de alimentos nesses territórios, constituindo de maneira diferente as territorialidades.

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana, Horta Comunitária, Alimentos.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo los huertos comunitarios contribuyen a la seguridad alimentaria y nutricional de las familias que cultivan y consumen alimentos. Para ello, se realizó una encuesta bibliográfica y una investigación *in-locus*, utilizando un enfoque cualitativo con observación participativa en un huerto comunitario urbano en Vitória da Conquista, Bahía. Las discusiones se basan en la categoría de territorio, y los debates están vinculados a la territorialidad, la agricultura urbana y el género. Los huertos comunitarios constituyen parte de lo que caracteriza a la agricultura urbana, y si bien son fundamentales para el cultivo de alimentos, es importante reconocer que las cuestiones de género pueden influir tanto en el proceso de cultivo como en la comercialización de alimentos en estos territorios, constituyendo territorialidades de manera diferente.

**Palabras clave:** Agricultura Urbana, Huerto Comunitario, Alimentación.

## INTRODUÇÃO

A agricultura é uma prática social que se relaciona com várias outras dimensões da vida cotidiana e da própria existência, e a agricultura urbana está imbuída e articulada com a cultura em suas multifaces, pois está diretamente relacionada a alimentação de quem cultiva, as celebrações, as festas e crenças (Azevedo, et.al; 2020). Por não estar voltada a extensas produções, os alimentos são cultivados observando o calendário, o período das chuvas, das secas e também das festas, como os festejos juninos, no caso do Nordeste.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, [nandarlacerda@gmail.com](mailto:nandarlacerda@gmail.com)

Alimentos cultivados em determinados períodos do ano remete as discussões elaboradas por Montanari (2008) acerca da relação entre comida e calendário, é o caso do milho, de algumas frutas e de hortaliças que dependem de temperatura e umidade específicas para serem cultivadas nas diferentes estações do ano. As comidas elaboradas com esses alimentos, são consumidas e comercializadas nos circuitos curtos de forma direta no local do plantio, assim como nas feiras.

No documento geral intitulado ‘Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil e Diretrizes Políticas para sua promoção’ a FAO apresenta uma definição que engloba o termo multidimensional ao conceito de Agricultura Urbana, que por definição inclui a “[...] produção, a transformação e a prestação de serviços para gerar produtos agrícolas ou pecuários voltados ao auto consumo, trocas e doações ou comercialização, (re) aproveitando-se, de forma eficiente e sustentável, os recursos e insumos locais” (Santrandreu; Lovo, 2007, p.11). O documento evidencia que a agricultura urbana deve se pautar no respeito aos saberes, conhecimentos locais e equidade de gênero, o que reforça a importância para as mulheres e famílias.

Uma das formas mais conhecidas de agricultura urbana são o cultivo das hortas, que podem estar presentes nos quintais das casas, em varandas de apartamentos, em creches, escolas, condomínios ou hospitais. Estas formas de se praticar são bem-vindas e merecem atenção, no entanto, quando se trata de áreas públicas as hortas comunitárias destacam-se e suscitam questões importantes, como: o cultivo de alimentos pode contribuir com a segurança alimentar e nutricional das famílias que a praticam? Ou ainda, quais as diferenças entre a agricultura urbana praticada em hortas comunitárias e em áreas privadas? Estas e outras questões inspiraram esta pesquisa em que o objetivo é compreender como as hortas comunitárias contribuem para a segurança alimentar e nutricional das famílias que cultivam e consomem os alimentos.

A relevância do estudo das hortas comunitárias e das mulheres em seus territórios de trabalho tem importância para a compreensão de como são constituídas as suas identidades e territorialidades nas relações desenvolvidas social e culturalmente, além de contribuir para dar visibilidade à mulher na produção de alimentos em pesquisas que envolve a ciência geográfica.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa apresentada é um recorte da tese de doutorado que se encontra em andamento, portanto apresenta resultados preliminares, baseando-se em levantamento bibliográfica e evidências empíricas. Por meio de abordagem da geografia cultural com análise da categoria território e os conceitos de territorialidade, relações de gênero e identidade, permite particularizar os estudos das mulheres e famílias que praticam a agricultura nas hortas comunitárias. Essa escolha permite pensar a configuração de territórios de resistência levando em conta também as relações sociais presentes no cotidiano das cidades, em especial a Cidade de Vitória da Conquista, na Bahia e a Horta Comunitária do bairro Kadija.

A escolha por este município se justifica por apresentar uma dinâmica de sistemas alimentares que se destaca entre outros municípios na região, com cultivo de hortaliças e comercialização em circuitos curtos que abastecem os bairros e as feiras. Este estudo permite, compreender os processos pautados na complexidade das relações de poder e na rede de integração que se forma dentro do contexto do cultivo, comercialização e consumo das hortaliças cultivadas nas hortas comunitárias. As reflexões sobre gênero permitem compreender como as mulheres percebem sua identidade como agricultoras e como vivenciam as experiências com seus saberes nas hortas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A agricultura urbana pode ser caracterizada como uma dessas “[...] iniciativas que surgem em movimento adverso ao proposto pela sociedade urbana. Uma alternativa ao desemprego, exclusão social, soberania alimentar e resistência desse saber popular excluído” (Ribeiro, 2019, p.11). Por meio da inserção dos cultivos em hortas comunitárias é possível ter acesso a uma variedade de alimentos frescos e nutritivos para o consumo familiar, “[...] é importante destacar que nos países mais pobres o papel socioeconômico da AUP é ainda mais importante, pois pode ajudar as comunidades carentes a obter uma fonte direta de alimentos frescos e acessíveis” (Azevedo, et.al., 2020, p.3) mas, também abastece os consumidores que os adquirem diretamente de quem cultiva.

Cada uma das formas em que se apresenta o cultivo das hortas em áreas urbanas é relevante, pois “[...] se constitui como manifestações complexas, permeado de diversidades desde a sua potencialidade de aglutinar coletivos, como se observa em hortas, ou então, em produções individuais, como no caso de feirantes que residem no espaço urbano” (Wandscheer, 2015, p.18) à medida que pode objetivar a geração de renda, a inclusão social e

as interações socioambientais, além de contribuir par o aumento dos espaços verdes nas cidades.

Moreno Flores (2007) afirma que, a agricultura urbana é uma alternativa de trabalho para as mulheres que não tem acesso a um emprego formal ou devido a sua formação educacional limitada, destaca também que quando os “[...] proyectos de agricultura urbana son encarados desde un enfoque institucional, transdisciplinario y sistémico, pueden transformarse en una poderosa herramienta para el desarrollo local sustentable de amplios sectores de nuestras ciudades” (Moreno Flores, 2007, p.4). Para que esses projetos sejam efetivos, é importante conhecer os sujeitos sociais que praticam o cultivo da agricultura urbana, no caso das mulheres, é preciso compreender suas necessidades básicas, seus desafios cotidianos no enfrentamento das relações sociais de gênero além de avaliar como a sociedade pode contribuir com esses projetos.

Refletir sobre o papel das mulheres na agricultura requer uma análise sobre as territorialidades presentes no cotidiano, um olhar sobre os saberes e fazeres presentes nas práticas de cultivo. Sobre a necessidade da análise de gênero sob o aspecto das relações sociais juntamente com o significado simbólico, McDowell destaca que “[...] debemos tener en cuenta que las actuaciones sociales, entre ellas un amplio espectro de interacciones en múltiples lugares y situaciones, y las distintas formas de pensar y representar el lugar y el género se relacionan entre sí y se crean unas a otras” (Mcdowell, 2000, p.20), daí a importância da reflexão sobre as relações de gênero presente nos espaços que as mulheres ocupam, entre eles o cultivo de alimentos.

As relações sociais de gênero estão presentes no cotidiano, vinculadas a diversas tarefas materiais e simbólicas que são responsáveis pela configuração de territorialidades. Para Godoi, a “[...] a territorialidade ou territorialidades não é algo que se possa entender sem estudar processos, isto é, é preciso ser contextualizada em relação ao momento histórico em questão, ao contexto físico onde ocorre e aos atores sociais envolvidos” (Godoi, 2014, p.11), da mesma forma que defende Raffestin (1993) quando sustenta que as territorialidades podem ser definidas como um conjunto de relações que envolve a sociedade, o tempo e o espaço, mas para que isso se torne possível é preciso que seja contextualizado.

Tais territorialidades, criadas por essas mulheres “[...] ao apropriarem os recursos nos seus territórios, transformam estes em alternativas geradoras de renda e trabalho, a exemplo da produção de alimentos artesanais, culturais, identitários” (Menezes, 2013, p.123). Nas hortas comunitárias, elas cultivam diversos alimentos, como frutas, hortaliças e legumes, com destaque para as ervas medicinais, chamadas de remédios, além de condimentos/temperos.

As relações estabelecidas nas hortas atreladas às sociabilidades, refletem-se nas conversas, no encontro e na comercialização do alimentos, além da manifestação das táticas e estratégias, entre os saberes e fazeres, onde se efetuam as reproduções sociais e econômicas da vida cotidiana.

O cultivo de hortas comunitárias na agricultura urbana não está restrito às mulheres, no entanto estas se destacam nesses territórios por se apresentarem em maior número e por seus saberes e fazeres, que estão associados ao trabalho e à identidade que elas constroem como agricultoras, “[...] con relación a la dimensión humana y social, los huertos urbanos dan carácter e identidad a los espacios públicos que se transforman en recintos de participación, apropiación ciudadana y también de educación medioambiental” (Zaar, 2011, p. 5)

O fortalecimento das práticas das hortas estimula as iniciativas e contribuem para a consolidação dessas ações, Giacchè e Porto (2015) afirmam que o Governo Federal considerou a Agricultura Urbana e Periurbana “[...] como estratégia política para o combate à fome e a promoção da segurança alimentar em territórios urbanos e metropolitanos dentro da política do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS)” (Giacchè; Porto, 2015, p. 49), esses movimentos não são uma pauta recente, mas merecem atenção para resistirem ao tempo com incentivos que vão desde políticas públicas a ações comunitárias,

É importante destacar que “[...] los productos de la agricultura urbana son tan diversos como los de la agricultura rural. La primera se especializa, en productos que no requieren grandes extensiones de tierra, que pueden sobrevivir con insumos limitados y que, con frecuencia, son perecederos” (Sorzano, 2014, p.3), esta é uma característica das hortas urbanas no município de Vitória da Conquista, que ocupam áreas limitadas para o cultivo.

No município de Vitória da Conquista, Bahia, a horta comunitária do bairro Kadija ocupa uma área de aproximadamente 6.200 m<sup>2</sup>, é formada pela divisão do terreno em porções de terra que são chamados de lotes, que medem cerca de um metro e meio de largura e dez metros de comprimento. Cada lote é cadastrado predominantemente em nome de uma mulher que representa uma família, embora os homens também possam fazer o cadastro, evidencia-se que cerca de 90% dos registros são vinculados ao sexo feminino. Atualmente os lotes são ocupados por 27 famílias, a pessoa que tem um cadastro é responsável por manter a terra sendo cultivada.

A condução do processo de gestão da horta é realizada por Dona Maria, responsável por abrir e fechar os portões da horta, organizar as finanças para pagamento da energia elétrica e o controle de liberação do volume de água para utilização na plantação. Quando perguntado a esta senhora sobre quem trabalha nas hortas, ela responde que, “depende, tem

dia que vem duas três pessoas da família, tipo a mulher, o marido e a filha, tem dia que vem só a mulher que tem o cadastro, mas a maioria são as mulheres mesmo que vem. Só tem Sr. João e Loro que vem mais sozinho mesmo”. Embora os lotes sejam de responsabilidade das mulheres, em pesquisa de campo foi possível observar que a família compartilha a prática de cultivo e cuidado com a plantação.

Para Giddens, “[...] o parentesco geralmente proporciona uma rede estabilizadora de relações amigáveis ou íntimas que resistem através do tempo-espaço” (Giddens, 1991, p. 94), o que proporciona a estabilização de um ambiente permeado por relações de confiança. Quando perguntado a outra mulher há quanto tempo ela trabalha na horta ela responde, “sozinha tem três anos, mas minha mãe tem essa terra aqui tem 24 anos, eu vinha com ela, só que ela precisou ir pra São Paulo ajudar um parente e eu fiquei aqui cuidando”. Esta senhora relata que consegue cultivar e comercializar alimentos para a família, o que garante manutenção financeira e social.

A comercialização de alimentos dentro da Horta é constante, com a procura por hortaliças como couve, manjericão e alface, mas também por ervas medicinais como mastruz, capim limão, hortelã, entre outros. O pagamento em geral é realizado em dinheiro, mas algumas mulheres, possuem a opção de realizar o pagamento por PIX o que evidencia a autonomia na administração da sua renda. Uma delas cultivava alimentos em três lotes há seis anos, comercializa dentro da própria horta, na feira e também fornece hortaliças para um restaurante. Quando necessária compra alimentos de outras mulheres para “não perder a venda”, uma estratégia de comercialização que é fortalecida pelos laços de sociabilidade dentro da horta comunitária.

Na prática da agricultura urbana na horta comunitária as mulheres têm o direito de terem o seu lote de terra, plantar, colher e consumir ou comercializar seus alimentos para garantir a vida da família. Dessa forma, “[...] as territorialidades da agricultura urbana estão configuradas no plantio, na localização das hortas, na relação com o entorno e com o poder público, mas também no trato com a terra e na colheita” (Azevedo, et.al; 2020, p. 12). As territorialidades também se manifestam nas diferentes formas de trocas comerciais e sociais de quem mantém essa prática e a utiliza como alimentação. Além dos destinos do cultivo, que geram fluxos e promovem redes de relações entre as mulheres, famílias e grupos sociais.

Também é comum o cultivo de plantas medicinais juntamente com hortaliças que servem como recurso terapêutico “[...] utilizado por muitas famílias em suas práticas populares de cuidado com a saúde, costume que se perpetua também por meio de atores, como benzedeiros (as), raizeiros (as) e parteiras trasladados às periferias urbanas” (De

Oliveira *et.al.*, 2018, p. 204). O uso de raízes, ervas e chás está diretamente ligado aos saberes e práticas culturais realizados no campo, que passam a resistir na cidade.

Em entrevista a outra agricultora da horta comunitária do Kadija, quando perguntado por que ela trabalha na horta, ela responde “[...] eu trabalho porque eu gosto de mexer na terra, gosto de plantar, e o que a gente planta uma parte a gente come e também dá pros vizinhos, pra família...”. A senhora entrevistada descreveu sua experiência com a horta demonstrando alegria, interesse e satisfação em poder plantar e colher para o próprio consumo, além de poder doar a outras famílias os alimentos cultivados por ela. Sobre o aspecto da experiência vivida, Young e Rodríguez asseveram que, as mulheres experimentam a agricultura urbana de maneira diferente dos homens “[...] devido a fatores políticos, sociais e econômicos. Suas experiências são impactadas por relações sociais de poder e diferentes direitos e responsabilidades, sobre quem faz qual trabalho e quem toma decisões e controla os recursos (Young; Rodríguez, 2020, p. 29).

Quando perguntado para uma das agricultoras sobre seu trabalho na horta comunitária, ela responde que talvez tenha que deixar a horta, pois conseguiu um emprego em que o horário não permite que ela saia a tempo de estar na horta, “se minha patroa não deixar eu sair cedo não vou conseguir chegar aqui pra molhar e cuidar, isso aqui é minha vida, eu gosto demais de ficar aqui e vê tudo crescendo”. A narrativa da agricultora revela que a pluriatividade faz parte do seu cotidiano, e embora a horta também lhe forneça renda, ela pratica o cultivo por prazer.

As territorialidades também se manifestam nas diferentes formas de trocas comerciais e sociais de quem mantém essa prática e a utiliza como alimentação. Além dos destinos do cultivo, que geram fluxos e promovem redes de relações entre as mulheres, famílias e grupos sociais.

As hortas comunitárias urbanas constituem uma forma de praticar a agricultura nas cidades, “[...] são experiências que propiciam um outro olhar sobre o uso do solo urbano e metropolitano, sobre a relação entre espaços construídos e espaços naturais, entre espaços públicos (ou de uso público) e espaços privados dentro e no entorno das cidades” (De Moura Costa; De Almeida, 2012, p. 7). Numa visão sistêmica é possível pensar a multifuncionalidade das hortas além da renda, do valor alimentar ou do volume do cultivo e efetivar resultados na dimensão da educação, da cultura e do conhecimento popular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resistência que se observa na presença das Hortas Comunitárias não diz respeito somente a materialidade histórica, mas também às resistências simbólicas que se expressam na memória das famílias que cultivam, nas relações de sociabilidade entre as agricultoras, nas relações comerciais entre os consumidores e na efetivação de uma segurança alimentar proveniente desse cultivo.

De acordo com as entrevistadas o cultivo nas hortas comunitárias garante a segurança alimentar e nutricional das famílias e de parte dos consumidores no município de Vitória da Conquista. Ainda contribuem também na geração de renda para as mulheres por meio da circulação econômica nos circuitos curtos de comercialização, garantem uma alimentação sem uso de insumos e agrotóxicos, além de fornecer alimentos saudáveis e nutritivos.

As questões relacionadas ao gênero presentes dentro da horta comunitária também devem ser levadas em conta, por diferentes situações enfrentadas pelas mulheres, que vão desde relações de poder dentro dos territórios de cultivo, até às conexões familiares e merecem atenção por serem fundamentais no processo de constituição de suas territorialidades, elas devem ser consideradas em todas as etapas do processo de cultivo e comercialização dos alimentos produzidos nas hortas comunitárias urbanas.

Estar atento a essas questões inclui a promoção da igualdade de gênero na distribuição de recursos, na tomada de decisões, na participação em atividades de marketing e venda, entre outras questões relacionadas à gestão das hortas.

A existência da horta comunitária na cidade ampliou a geração de renda e contribuiu com a promoção da segurança alimentar e nutricional durante mais de três décadas para diferentes famílias que passaram por esse território. O reconhecimento da resistência desse trabalho e da resiliência dessas mulheres na evolução dessa atividade é o primeiro passo para pensar a agricultura urbana como um caminho ativo e possível para a constituição de territórios de vida e trabalho dentro das cidades. Isso pode fomentar não só a consolidação de territorialidades femininas como fortalecer a autonomia e a identidade de mulheres como agricultoras no espaço urbano.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; PERXACS, Helena; ALIÓ, Maria Àngels. Dimensão social da agricultura urbana e periurbana. **Mercator (Fortaleza)**, v. 19, 2020. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/2732>. Acesso em out. de 2022.



DE MOURA COSTA, Heloisa Soares; DE ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira. Agricultura Urbana: possibilidades de uma praxis espacial?. **Cadernos de estudos culturais**, v. 4, n. 8, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3528>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

DE OLIVEIRA, Luana do Carmo Araujo; ALVES, Cristiana Guimarães; PAULA, Bruno Martins Dala. Agricultura urbana e migrações: processos de resistência e interculturalidade. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 25, n. 1 e 2, p. 198-223, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/19538>. Acesso em jan. de 2022.

GIACCHÈ, Giulia; PORTO, Lya. Políticas públicas de agricultura urbana e periurbana: uma comparação entre os casos de São Paulo e Campinas. **Informações econômicas**, v. 45, n. 6, p. 45-60, 2015. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/48359866/IE\\_Giacche\\_Porto-libre.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/48359866/IE_Giacche_Porto-libre.pdf). Acesso em: 10 de nov. de 2022.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. Tradução de Raul Fiker, São Paulo: Editora UNESP, 1991. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf> Acesso em março de 2023.

GODOI, Emilia Pietrafesa de. Territorialidade: trajetória e usos do conceito. *Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas*, 2014, 34(2), 8–16. <http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/411/393>. Acesso em dez 2022.

MONTANARI, Massimo; FLANDRIN, Jean-Louis. História da alimentação [tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira]. — São Paulo : Estação Liberdade, 1998.

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana Cristina. Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção: Identificação e caracterização de iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras. **Documento Referencial Geral: Versão Final**. Belo Horizonte, 2007. 36p. Disponível em: [https://www.agriculturaurbana.org.br/textos/panorama\\_AUP.pdf](https://www.agriculturaurbana.org.br/textos/panorama_AUP.pdf) . Acesso em des.2022.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Editora Ática, v. 29, 1993.

RIBEIRO, José Luiz Lourenço; DIAS, Liz Cristiane. Agricultura urbana e as Iniciativas de Resistência Popular. **RELAcult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1369>. Acesso em dez. de 2022.

MCDOWELL, Linda. **Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas**. Universitat de València, 2000. Disponível em: <https://kolectivoporoto.cl/wp-content/uploads/2015/11/Linda-McDowell-G%C3%A9nero-Identidad-y-Lugar.-Un-Estudio-de-Las-Geograf%C3%ADas-Feministas.pdf> . Acesso em jan. 2023.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Alimentos identitários: uma reflexão para além da cultura. **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1516> Acesso em nov. 2023.

MORENO FLORES, Osvaldo. Agricultura Urbana: Nuevas Estrategias de Integración Social y Recuperación Ambiental en la Ciudad. *Revista Electrónica DU&P. Diseño Urbano y Paisaje Volumen IV N°11*. Centro de Estudios Arquitectónicos, Urbanísticos y del Paisaje Universidad Central de Chile. Santiago, Chile. 2007. Disponível em: <https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/117766> . Acesso em out. 2022.

SORZANO, Angelina Herrera. Impacto de la agricultura urbana en Cuba. **Novedades en población**, v. 5, n. 9, 2014. Disponível em: <http://www.novpob.uh.cu/index.php/NovPob/article/viewFile/118/151>. Acesso em dez. de 2022.

ZAAR, Miriam-Hermi. Agricultura urbana: algunas reflexiones sobre su origen e importancia actual. **Biblio 3w: revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales**, 2011. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Biblio3w/article/view/250870>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.

YOUNG, Laine. RODRÍGUEZ, Alexandra. A importância da Análise Feminista na pesquisa em Agricultura Urbana. In: *Gênero nos Sistemas Alimentares Urbanos. Urban Agriculture, Revista de Agricultura Urbana*, RUAF, n.37, 2020. Disponível em: <https://ruaf.org/document/urban-agriculture-magazine-no-37-gender-in-urban-food-systems/>. Acesso em jan. 2023.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe. Agricultura urbana: uma análise da atividade em Belém – PA no norte e Porto Alegre – RS no sul do Brasil. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130585/000979001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em mar.de 2022.